
Liturgias que atingem a realidade do jovem

guinte, as celebrações se tornam realidade distante. Há outros que se manifestam positivamente, considerando as celebrações como momentos fortes e importantes de suas vidas, da vida da Igreja, momentos de real crescimento e aprofundamento na fé.

Perguntamos, também, pelos positivos e negativos das celebrações litúrgicas paroquiais e tivemos o seguinte quadro:

Positivos: a participação da comunidade nas celebrações; o conteúdo catequético destas celebrações; a participação dos jovens na organização e na animação das celebrações; liturgias que atingem a realidade do jovem, que o atraem e o catequizam, despertando seu interesse pela celebração e pela comunidade.

Negativos: falta de catequese na juventude; excesso de solenidade na liturgia; celebrações cansativas e longas; homilias fora do contexto litúrgico e fora da realidade; celebrações superficiais; linguagem difícil usada na liturgia; falta de adaptação do conteúdo litúrgico para o povo; pouca receptividade por parte dos jovens; o folheto litúrgico, por vezes, prejudica e limita a participação do povo; a monotonia de certos cantos; falta de interesse do jovem em participar mais intensiva e conscientemente da liturgia; a liturgia perdeu, em parte, a capacidade de encantar tanto os jovens como os adultos; participação mecânica nas celebrações.

Como **sugestões**, os entrevistados apontaram as seguintes: mais espaço para os jovens nas celebrações; realizar com mais freqüência as "missas jovens", inserir os jovens nas responsabilidades litúrgicas; ensaios de canto mais freqüentes, com cantos novos e mais adaptados à realidade da juventude; celebrações mais criativas e fluentes, não exageradamente longas, com lingua-

gem mais acessível, particularmente nas Orações Eucarísticas, que deveriam ser dialogadas com o povo; há necessidade de catequese litúrgica mais intensa; menos distância entre o padre e a comunidade; sintonia maior entre a celebração e a realidade; introduzir elementos culturais e artísticos próprios das diversas regiões; dar oportunidade a novas pessoas na coordenação das celebrações, a fim de evitar acúmulo de cargos e fechamento das equipes de liturgia; valorização dos momentos de silêncio e uso inteligente dos folhetos litúrgicos.

À pergunta "o que significa a Eucaristia para você", as respostas foram semelhantes: o momento de maior intimidade com Deus; um revigoramento para continuar a missão; o centro da vida cristã; momento privilegiado de comunhão com Cristo e com os irmãos; elemento transformador da vida; momento forte de consciência cristã de toda a comunidade; um compromisso para a transformação da sociedade e do mundo; semente de um mundo novo, mais fraterno e mais justo.

CONCLUSÃO

A problemática é bem mais ampla do que se pensa. No entanto, a partir dos valores e limites do mundo juvenil e, principalmente, levando em consideração seus legítimos anseios, é possível tornar nossas liturgias mais atraentes aos jovens, levando-os a participar mais consciente e frutuosamente das celebrações. A missa com jovens será sempre um desafio, um convite ao dinamismo e a criatividade. A "eterna novidade" da liturgia deve transparecer num "novo modo de celebrar".

Endereço do autor:

ITESC — Caixa Postal 5.041
88041 — Florianópolis, SC

COMENTÁRIO À REFLEXÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DO DOCUMENTO DE CONSULTA PARA SANTO DOMINGO

Pe. Dr. Vítor Galdino Feller
Diretor e Professor de Teologia Dogmática

Introdução

Em primeiro lugar, é preciso observar com satisfação a retomada, em relação ao documento anterior (capa cor-de-rosa), do método ver-julgar-agir, que aparece, aliás, não de maneira linear (ver-julgar-agir), simplesmente, mas de modo dialético, do seguinte modo: primeiro vem um "ver" histórico, muito bem situado no primeiro capítulo, para dar o conteúdo e o sentido da comemoração dos 500 anos de evangelização; em seguida, faz-se uma pausa no "ver" para uma reflexão terminológica e criteriológica, em que se definem os termos e critérios para o entendimento das palavras-chave do documento; por fim apresenta-se em três capítulos subsequentes a visão econômica, política e social da realidade; o julgamento bíblico-teológico; e as linhas pastorais.

O Documento de Consulta constitui-se num avanço em relação a Medellín e Puebla, permanecendo na sua continuidade. Do teor sóciopolítico-econômico de Medellín avançou-se para uma fundamentação histórico-religioso-cultural em Puebla. O documento anterior (capa cor-de-rosa) dava um peso muito forte

ao institucional-hierárquico, sem considerar a caminhada anterior. O Documento de Consulta, acolhendo as sugestões de correção de rota (cf. por exemplo, minha contribuição em *Perspectiva Teológica* 59 (1991) 93-103) conseguiu avançar. Ainda que aponte para uma perspectiva mais institucional, põe-se na continuidade com Medellín e Puebla, com um acento mais eclesial e carismático, em que a Igreja não aparece como força hegemônica e

A evangelização no eixo Reino-Igreja-Promoção humana, como ação do Espírito Santo

única, preocupada com a integração-integrismo da cultura da América Latina, mas como força servidora da inculturação do Evangelho para a transformação da cultura tradicional e a assimilação da cultura nova sob os critérios da vida e obra de Jesus e da ação do Espírito Santo.

Por falta de tempo para a leitura aprofundada, o estudo e a análise de todo o Documento, quero agora oferecer algumas breves contribuições sobre sua quarta parte, a reflexão bíblico-teológica. Num primeiro momento, a olhar pelo índice, a perspectiva desta reflexão está colocando a evangelização no eixo Reino-Igreja-Promoção humana, como ação do Espírito Santo, tendo como efeito esperado a criação de uma nova cultura. Trata-se de uma perspectiva libertadora em que a plenitude esperada do Reino de Deus inspira toda a evangelização, em que a Igreja não se coloca como centro, nem como força, nem com finalidade própria. Nesta perspectiva tem vez a ação do Espírito Santo, a única que é realmente eficaz, o único que evangeliza. A evangelização da nova cultura é apresentada na forma da inculturação do Evangelho em vista de uma cultura que satisfaça aos parâmetros da dignidade da vida. Trata-se de uma perspectiva em que a dimensão divina da Igreja é anterior e fundamental em relação à dimensão humana, a dimensão misteriosa fundamenta e supera a dimensão institucional, a dimensão de serviço antecede e reforça a posição privilegiada que tem a Igreja na formação da cultura latino-americana, do passado até hoje.

A Reflexão Bíblico-Teológica do Documento

Deixando o índice e indo à leitura propriamente dita, há alguns detalhes a se levar em conta:

a) É sensato o *equilíbrio entre o negativo e o positivo* na introdução a esta parte, com espaço para considerar com maturidade tanto os pecados "para não repeti-los", quanto a graça, que excede ao pecado, "de sermos cristãos e filhos da Igreja católica" (426-429);

b) O ponto de *partida em nossa identidade*, "nossa radical riqueza", é bastante bom do ponto de vista metodológico. Mas falta detalhar mais em que consiste mesmo esta identidade. Falta explicitar melhor o que significam o "substrato católico", a "unidade espiritual" apesar das diferenças. Aliás, sempre que se trata de ver nossa identidade latino-americana, os documentos episcopais pecam por otimismo. Como se não fizessem parte de nossa identidade tantos vícios desumanizantes, nada edificantes do ponto de vista religioso: a continuidade da divisão de classes por parte das elites, a acomodação fatalista da parte de muitos pobres, o recurso sempre infantil para enfrentar situações difíceis (ou o passivismo, ou a lei do menor esforço, ou a violência, ou a sacanagem-corrupção) (430-432);

c) Está bem colocado o *compromisso de uma nova evangelização*, tanto em termos de conservar nossa identidade quanto no que importa ao seu desenvolvimento. Nesse sentido é sugestiva a lembrança da parábola dos talentos. Talvez fosse conveniente explicitar melhor o que significa a santidade como pressuposto para um novo fervor na evangelização: de que santidade se trata? Igualmente, seria honesto historicamente pôr a hierarquia ao lado dos religiosos, quando se fala dos sujeitos da primeira evangelização (433-436);

É preciso afastar e superar as falsas e inúteis oposições entre a missão espiritual e a diaconia

d) Como a muitas citações de Paulo VI (Evangelii Nuntiationis), João Paulo II e Sínodo dos Bispos, provoca obscuridade na leitura dos *requisitos e amplitude da evangelização*. Textos tão significativos deveriam ser melhor trabalhados e explicitados.

Mais pelo final do n.º 440, há maior clareza quando se diz que o Sínodo de 1985 "ensina-nos o autêntico caminho da ação pastoral e nos indica que é preciso afastar e superar as falsas e inúteis oposições entre a missão espiritual e a diaconia em favor do mundo". Essa clareza deveria pervadir todo esse item, mostrando assim que não há anúncio de Jesus Cristo sem serviço ao homem, que a evangelização é, aliás, o melhor serviço à libertação integral do homem (437-440);

e) Na *conceituação de Reino de Deus* poder-se-ia trabalhar melhor a categoria apresentada de plano salvífico, usando de uma perspectiva histórica em que esse Reino vinha sendo anunciado e realizado já no Antigo Testamento, citando momentos fortes desse anúncio e realização (a promessa a Abraão, a libertação da escravidão no Egito, a atividade profética etc.). Igualmente, no mesmo conceito de plano salvífico, se poderia colocar toda a ação de Deus na história dos nossos dias (441-442);

f) A *presença do Reino em Jesus deveria ser ampliada* para além de suas obras e sinais, para abranger suas causas e opções, suas companhias, seu julgamento e seu martírio. Faz-se uma leitura quase que a-histórica da compreensão do Reino por Jesus e em Jesus. Isso porque há um acento no Cristo da Fé que deixa na sombra a história de Jesus de Nazaré (443);

g) Ao estudar a *plenitude escatológica do Reino*, o documento se centra no "ainda não" do futuro, esquecendo que a escatologia já é para "agora", que as conquistas que vão se fazendo em termos de mais vida, mais liberdade, mais fraternidade etc., são "já" realização escatológica do Reino de Deus (444);

h) A *relação Reino e Igreja está muito pobre*. Puebla já conseguiria avançar mais (cf. Puebla, 226-231). O n.º 446, que trata das eclesiologias, está fraquíssimo: não consegue dizer nada! Quais as três perspectivas eclesiológicas anunciadas? Povo de

Os três modelos de Igreja (instituição, comunhão e missão), todos os três em conexão com a Igreja Mistério

Deus, Comunhão e Mistério? Se é, não está claro! Por que não usar aqui os estudos de Almeida e Libânio, entre outros, que apresentam os três modelos de Igreja (instituição, comunhão e missão), todos os três em conexão com a Igreja Mistério? Onde aliás a Igreja-Povo de Deus, como também a Igreja-Corpo de Cristo, podem ser vistas como submodelo da Igreja Comunhão? Não estaria isto mais de acordo com a eclesiologia proposta pelo Vaticano II... , sendo a Igreja-Instituição o modelo recebido da História e da Tradição, sobretudo a partir de Trento e do Vaticano I, ao qual se associam no Vaticano II, como parte do seu projeto reformador, outros dois modelos: a Igreja-Comunhão, modelo trabalhado pela "Lumen Gentium" e a Igreja-Missão, modelo trabalhado pela "Gaudium et Spes"? E todos eles inter-relacionados entre si, a partir da Igreja vista como Mistério, segundo LG 1-4? (cf. Almeida, em REB 48/190 (1988) 310-352; Forte, Igreja, Ícone da Trindade, Loyola 86) (445-446);

i) A *relação entre Evangelização e Sacramento* se restringe a falar sobre o Batismo. Por que não falar de todos os sacramentos? Ao menos resumidamente, se poderia desfazer o sentido mágico e o peso jurídico que lhes foi dado pelo passado e que marca uma espiritualidade sacramentalista, desligada da vida. Seria conveniente referir-se à Eucaristia e até deter-se sobre ela (447-449);

j) Está bem apresentada, teológica e pastoralmente, a Igreja como fruto da evangelização em sua relação com a nossa realidade eclesial atual. Bastante oportuna a referência à *relação dialética entre conservação do tesouro e crescimento da fé* (450-452);

k) Com relação ao *perigo do secularismo* (453-470), há algumas observações a fazer. São *positivas* as referências ao Documento de Puebla no n.º 453; a distinção entre secularização e secularismo nos números 455-457; o reconhecimento da multiformidade de situações culturais; a apresentação de algumas atitudes de discernimento nos números 463-468. Mas há pontos *falhos*:

1. É acentuada a *preocupação somente religiosa de que o secularismo venha a diminuir a religiosidade* do povo. Quando muito há uma preocupação ética, restrita à moral dos valores tradicionais sempre defendidos pela Igreja (indissolubilidade e estabilidade da família, vida do nascituro e do ancião, educação cristã dos filhos) (465). *Não aparece uma preocupação ética* que abrange as questões sociopolítico-econômicas, onde o secularismo seja visto como perigo também (e, em nosso caso, bastante evidente) para a construção da sociedade nova, para o empenho pela justiça,

A negação de Deus leva à negação dos homens

para a luta pelos direitos à vida, para a opção pela vida dos pobres. O número 470, aliás totalmente deslocado, traz alguns germens dessa preocupação. Ele poderia ser melhor situado, elaborado e ampliado. Enfim, percebe-se que tem-se medo do ateísmo teórico (a negação de Deus), sem perceber o perigo da idolatria (a adoração de falsos deuses que leva à morte muitas vítimas). *Na AL, o secularismo se torna idolatria que mata os pobres*. A negação de Deus leva à negação dos homens, e os primeiros a serem atingidos são os pobres. Esse lado anti-humano e não só o antidivino é preciso ser denunciado quando se fala de secularismo. Afinal, o nosso Deus é o Deus da Vida, o Deus da História.

2. Outro ponto a ser melhor trabalhado são as *atitudes de discernimento*, propostas diante das transformações culturais. Poderiam ser mais abrangentes do que a apresentação das "normas objetivas ditadas por Deus", da "lei natural", dos "valores morais que garantem o bem comum". Aqui, se poderia anunciar uma ação pastoral que se ampliasse para o mundo da economia e do trabalho, da educação e da comunicação, da defesa dos direitos dos pobres (moradia, emprego, saúde, educação, etc.), da formação permanente dos agentes pastorais (os presbíteros à frente!).

3. Outra referência a ser melhor apresentada é aquela sobre *a fome do sagrado* (469). Ela não deveria ser relacionada só com os acontecimentos do Leste Europeu (com a tão decantada queda do marxismo, mais vezes gloriosamente referida no documento). Por que não falar também da "queda" do capitalismo selvagem e consumista, tão materialista e ateu (até mais, quem sabe) quanto o marxismo? A fome do sagrado não é um fenômeno anterior e maior no Ocidente? Por quê? O Documento apresenta como resposta a essa fome o repouso agostiniano em Deus. Mas *de que Deus se trata?* O Deus que os jovens citados querem? Tanto no Ocidente quanto no Leste Europeu há somente uma rejeição a imagens falsas de Deus. Só que no Leste Europeu se rejeita um deus disfarçado no totalitarismo do Estado, do Partido, e até no Ateísmo Científico. Enquanto no Ocidente o deus que é rejeitado é mesmo o Deus dos cristãos, exatamente porque não temos conseguido anunciar o verdadeiro Deus. Já

A fome do sagrado não é só uma resposta ao ateísmo científico do Leste Europeu

a "Gaudium et Spes" 19 fizera notar nossa culpa pelo ateísmo moderno. A fome do sagrado não é só uma resposta ao ateísmo científico do Leste Europeu ou às pretensões secularistas da modernidade. É também, e isto a Igreja deverá ainda reconhecer, uma resposta à nossa omissão no anúncio do nosso Deus e, mais ainda, ao pecado de termos atrelado o Deus da Vida aos poderes da morte. O Deus que nós cristãos temos anunciado nem sempre tem sido o Deus da Bíblia, da Vida, dos Pobres. Quase sempre tem sido o Deus do Poder, da Força, da Hegemonia. Se não mudarmos a maneira de anunciar a Deus, não conseguiremos saciar a tão propalada fome do sagrado. E assim estaremos continuando no nosso pecado, como os fariseus que se fecharam numa imagem tradicional e mortífera de Deus (cf. Jo 8, 21.24). A maneira mais evangélica de constatar a fome do sagrado não é colocar-se numa posição de vítima que finalmente se vê inocentada, e triunfante pode dizer: "viram? não quiseram me seguir!; agora estão passando fome!". Essa constatação deverá passar antes pelo reconhecimento que a Igreja tem que fazer do seu pecado. E o único jeito de saciar a fome do sagrado não é vangloriar-se de que nós temos a resposta, mas apresentar essa resposta em forma de vida, de empenho pela vida, como aliás o fez o próprio Deus quando esteve entre nós;

4. Por fim, ainda nesse item do secularismo, é totalmente inútil o n.º 464, cujo conteúdo já está presente nos inúmeros 455-457.

l) Nos números que se referem às *seitas* (475-482), aparece uma *visão negativa do trabalho social da Igreja*, como se ele e só ele fosse a causa da difusão das seitas. Quanto às *causas das seitas*, é preciso considerar o fenômeno também de *outros pontos de vista* (aliás, anunciados no n.º 471, mas não levados em conta). Do *ponto de vista cultural*, deve-se levar em conta o êxodo rural, o desenraizamento que ele promove nos migrantes que chegam às cidades, a solidão dos mesmos nos grandes centros.

Ainda do ponto de vista cultural, há os fenômenos do individualismo alienante dos tempos modernos, do aburguesamento comodista, da fuga do empenho político e social, fenômenos que encontram exatamente nas seitas seu alibi religioso. Do *ponto de vista social*, há todo o fenômeno da busca de integração, de estabilidade, de relacionamento mais humano com a autoridade, de busca de afeto, do sentido de "corpo", da busca da cura fácil para os males do corpo e do espírito. Do *ponto de vista econômico*, há que se levar em conta a pobreza do povo que, para escapar dela, agarra-se à primeira promessa, num imediatismo desenfreado. Do *ponto de vista político*, não é de pouco peso a contribuição econômica e ideológica das elites em favor de seitas cristãs ou orientalistas que retiram o povo do processo de conscientização e libertação de seus problemas sociais. . . Em suma, não se pode,

Nas CEBs, quando bem constituídas, não vingam as seitas

sem correr o risco da ingenuidade, apelar para a polarização da ação da Igreja no social como causa do fenômeno da expansão das seitas. Tanto mais que exatamente nas CEBs, quando bem constituídas, não vingam as seitas. Ainda que lá haja um ardoroso trabalho social. . . Como *resposta às seitas*, a Igreja Católica não poderá cair no mesmo esquema delas, isto é, num individualismo desencarnado da realidade social, num espiritualismo alienante, numa religiosidade intimista, num salvacionismo reduutivo. Por isso, não pode ficar só no incentivo a movimentos carismáticos e aleluiáticos, ainda que estes sejam interessantes enquanto valorizem a dimensão da oração e do louvor e do encontro pessoal com Deus. Além disso, *deverá haver uma ação pastoral de toda a Igreja, em que todos se sintam chamados ao ministério*. Para vencer a difusão das seitas, não podemos deixar a ação pastoral da Igreja centrada na pessoa do padre. Todos os católicos deverão

fazer-se missionários, ir de casa em casa (como fazem as seitas): é a redescoberta da ministerialidade de toda a Igreja. As CEBs *constituir-se-ão outro obstáculo à difusão das seitas*, na medida em que nelas, em pequeno grupo, em relacionamentos afetivos, vai acontecendo o anúncio e a realização da boa notícia salvadora, da libertação integral de cada pessoa humana. Paralelamente às CEBs, mas não restringindo-se a elas, há ainda o caminho dos círculos bíblicos, dos grupos de reflexão, dos grupos de novenas por ocasião do Natal e da Campanha da Fraternidade, dos grupos de oração, das pastorais específicas etc., onde o católico deverá encontrar espaço para sua formação pessoal. Em termos de formação, há que se levar em conta as sugestões apresentadas na final da "Christifideles Laici", que apela para a formação dos leigos nos mais diversos aspectos: a formação espiritual, a formação doutrinal, o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, o crescimento nos valores humanos (CfL 60). Em termos de formação, como fator de reação ao fenômeno das seitas, é preciso valorizar os lugares em que ela deverá acontecer: os grupos, associações e movimentos, as escolas e universidades católicas,

Na reação às seitas, não se caia nos pecados anteriores ao Vaticano II

a família, as CEBs, a paróquia, a inserção na Igreja particular e universal (CfL 61-62). É preciso que, na reação às seitas, não se caia nos pecados anteriores ao Vaticano II (pecados esses que as seitas hoje repetem). É preciso não esquecer que uma reação adequada deverá levar em conta os três níveis da ação pastoral: a valorização da pessoa e da experiência subjetiva, a vivência comunitária e a diversificação das formas de pertença e de expressão eclesial e, enfim, uma presença mais significativa da Igreja nas questões sociais (cf. CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, 1991-1994*. Documento 45, números 167-254). Essas sugestões não diminuem aquelas apresentadas pelo Documento: um toque mais bíblico e cristológico à religiosidade popular, a renovação litúrgica em busca de maior participação, a divulgação e a leitura da Sagrada Escritura, uma pastoral da pessoa.

m) O subtítulo *Promoção Humana e Valores Evangélicos* (489-495) está de modo geral bem formulado. Mas, merece algumas considerações: 1. Por que a opção pelos pobres (492) vem mencionada apenas como um subitem?; e por que não se usam (ao lado das citações bíblicas e da Libertatis Conscientia) os documentos de Medellín e Puebla para fundamentá-la?; por que não fazer do tema "opção pelos pobres" o argumento principal de todo este subtítulo? Se assim fosse, ao seu redor poderiam ser melhor tomados e entendidos a nova mentalidade evangélica, o apelo ao decálogo, a perfeição do amor, o testemunho da vida

Há uma redução na denúncia de morte apenas ao aborto e à eutanásia

de Jesus, a promoção humana e a cultura da vida e da solidariedade! 2. Quando se fala de *cultura da vida e da solidariedade*, há uma redução na denúncia de morte apenas ao aborto e à eutanásia. Faltaria denunciar também o extermínio de crianças, de meninos e meninas de rua, os assassinatos no campo pela falta de uma justa reforma agrária, a morte dos jovens pelo uso das drogas, a morte de todo um povo para se pagar uma dívida externa já paga. Falta ser concreto. Fala-se de amor ao próximo

e de defesa da vida, como se esta prática evangélica fosse o ato mais fácil do mundo, como se todos quisessem exatamente isto, como se o amor particularizado pelos pobres e pelos violentados não gerasse conflitos. Há uma ingenuidade de fundo que, sem o saber, colabora com a manutenção da situação. Se não há um desmascaramento dos assassinos e dos deuses aos quais eles servem, nosso discurso não entra! A cultura de morte tem também o seu "evangelho": ter mais, mandar mais, ganhar mais, explorar mais. Por causa desse evangelho, muitos são mortos!

n) No que se refere à *ação do Espírito Santo* (500-504), seria interessante salientar mais que é sua ação promover a diversidade de dons e ministérios na Igreja, fazer da Igreja um corpo todo ele ministerial e missionário.

o) No subtítulo sobre *a evangelização da nova cultura* (505-521), seria de esperar que fosse melhor explicitado e elaborado o eixo de uma antropologia relacional, por onde passa tanto a visão cristã quanto a visão moderna da pessoa humana. . . e que é, aliás, apresentado em forma de anúncio no final do número 505. Dever-se-ia também ter o cuidado com a expressão "novíssima civilização cristã" (ainda que da lavra de Paulo VI e de João Paulo II), pelo risco que ela apresenta de ser entendida como proposta de uma nova cristandade. Talvez fosse o caso de explicitar a evangelização como o ato do cristão que busca humanizar suas relações a partir do referencial do Homem verdadeiro Jesus Cristo. . . , que busca, portanto, como pessoa e como corpo eclesial, marcar sua história, sua sociedade, sua civilização,

Os cristãos não somos os únicos a construir a civilização

com os ideais evangélicos. Os cristãos não somos os únicos a construir a civilização. Por isso, não se pode pretender, sob pena de se cair na imposição anti-humana e anti-evangélica, a criação de uma civilização cristã. A civilização a ser construída poderá ser mais ou menos marcada pelo cristianismo, mas não totalmente cristã. Há que se contar sempre com dois dados: a diversidade de contribuições que virão da parte de todos os homens, de suas religiões e culturas; e o pecado dos próprios cristãos, que irá criando obstáculos mais ou menos graves à consecução final e perfeita de uma civilização cristã.

Concluindo: Como foi dito no início, estas são apenas algumas contribuições para a análise da quarta parte do Documento de Consulta. E nesse bloco que aparecem, com efeito, as opções de fundo, os valores que contam, os fundamentos bíblicos, enfim, a luz que tudo ilumina! Ou, ao contrário, é aqui que se escondem interesses não propriamente evangélicos. . . , onde, então, a obscuridade impede a visão!

Endereço do autor
ITESC — Caixa Postal 5.041
88041 — Florianópolis, SC